

DIÁLOGOS SOBRE CORPO, MODA E ÉTICA



Renata Franqui¹

Resenha de MESQUITA, Cristiane CASTILHO, Kathia;
(Org.). **Corpo, moda e ética: pistas para uma
reflexão de valores.** São Paulo: Estação das Letras e
Cores, 2011. 109 p. **ISBN:** 978-8560166497

Trata-se de uma obra que é produto das inquietações geradas pelo evento *Corpo, moda e ética: pistas para uma reflexão de valores*, realizado em abril do ano de 2010, na Universidade Anhembi Morumbi. Homônimo ao evento, o livro, dividido em oito capítulos, propõe-se a abordar as relações entre corpo, moda e ética.

Organizado por Cristiane Mesquita e Kathia Castilho, na apresentação “Corpo, moda e ética: o cenário, o evento e o livro” (p. 07-16), detalha-se o projeto que norteou a produção do livro: oferecer análises sobre o corpo, em suas diferentes possibilidades de representação e de interpretação, originados dos entrelaçamentos entre os aspectos orgânico, biológico e cultural bem como os paradoxos que envolvem o debate, particularmente, a maneira como o corpo é exposto na mídia, e relaciona-se com a moda e a ética.

No primeiro capítulo, “Para ser contemporâneo da biopolítica: corpo, moda, trevas e luz” (p. 17-26), Helena Katz levanta uma discussão acerca do papel biopolítico que a moda exerce sobre o corpo. Ressalta que o corpo traz consigo não somente um aparato biológico, mas toda a subjetividade da relação natureza-cultura. Desta forma,

¹ Acadêmica de graduação do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá. Participa do projeto de iniciação científica (PIBIC/CNPq/FA-UEM), orientado pela professora doutora Ivana Guilherme Símilli (DFE/UEM).

para a autora, pensar o corpo a nível da biopolítica, suscita a reflexão da relação entre o mundo físico (*zoé*) e o mundo cultural (*bíos*), cujo resultado é a fabricação de um corpo que é publicizado pela moda, não rompe com o ciclo de consumo do capitalismo. Neste sentido, a autora finaliza seu texto propondo que cabe a nós perceber o que se oculta no corpo, ou aquilo “que está nas suas trevas”, porque não se dá a ver e perceber com facilidade, para que, desta forma, sejamos realmente contemporâneos de nosso próprio tempo.

Adiante, o capítulo dois, intitulado “Beleza.jpg – borrando os limites da realidade”, (p. 27-36), muito bem escrito por Fernanda Baeza Scagliusi e Roberto Manoel dos Santos, é abordada a temática da manipulação digital de imagens veiculadas pela mídia sobre moda, beleza e aparência. No texto, os autores levantam a questão da dubiedade da honestidade epistêmica atribuída às imagens, sobretudo das campanhas publicitárias, que comercializam um corpo retocado digitalmente para parecer perfeito. O resultado, entretanto, é um corpo irreal, sem compromisso com a acurácia dos fatos e que incita a padronização e ao culto do ideal. Esta distorção do real carrega, segundo os autores, uma influência negativa perante os leitores, que sentem-se impactados pela sedução que as imagens carregam, fato que aumenta, e muito, o potencial de compra.

O terceiro capítulo, denominado “Muitos babados e poucos laços...” (p. 37-44), deu-se a partir dos estudos realizados pela equipe do Projeto de Investigação e Intervenção na Clínica das Anorexias e Bulimias do Instituto Sedes Sapientiae. O texto trata da excessiva normatização que padroniza os corpos aos preceitos da moda, visando sempre o consumo. Neste contexto, modelos demasiadamente magras têm seus corpos diminuídos à função de cabides para as peças idealizadas, contrapondo-se à antiga concepção de que os corpos deveriam servir para engrandecer a beleza das roupas. Em decorrência desta anulação dos corpos, a moda passa a ter estreita ligação

com o campo da ética, tendo em vista que propaga um ideal de beleza que acaba por incentivar patologias como a anorexia e bulimia. A este respeito, o texto reflete que apenas sucumbem à esta padronização de corpos quem detém uma estrutura psíquica frágil e peculiar, que sentem necessidade de adequarem-se aos padrões estipulados pelos modismos para sentirem-se pertencentes a um grupo. Neste sentido, o valor desta leitura está na proposta de reflexão levantada, que objetiva findar com este ritual em que a moda aparece glamorosamente estampada por cabides humanos nas passarelas.

Em relação ao capítulo quatro, escrito pelo Grupo de Pesquisa, Envelhecimento, Aparência e Imagem (EAPI-USP), cujo título “Envelhecimento e Velhice: pistas e reflexões para o campo da moda”, (p. 45-54) nos convida a refletir sobre as implicações que a moda exerce em relação a população idosa, demonstrando sua fragilidade diante do culto da beleza e dos corpos jovens. “O embate entre saúde e doença, decadência e sucesso, muitas vezes impede que a diversidade explore e alcance novos espaços, papéis e imagens múltiplas de envelhecer na sociedade” (p. 47). Neste sentido, os autores chamam a atenção para a maneira como a imagem de idosos é transmitida pela mídia, geralmente carregada de uma conotação negativa e, desta forma, propõem que a moda passe a lidar com a velhice de modo que garanta a dignidade de envelhecer.

O quinto capítulo, “Invisíveis ou inclassificáveis? Gênero, corpo e envelhecimento na cultura brasileira” (p. 55-72), de Mirian Goldenberg, nos convida a uma reflexão acerca do que os corpos como capital podem nos dizer sobre nossa cultura. A este respeito, a autora tece considerações sobre as cores presentes nas roupas de meninos e meninas e as qualidades para um e outro que são construídas socialmente. Tal discussão remete à ideia de dominação masculina, a qual é atribuído ao fato de que “constitui as mulheres como objetos simbólicos, tem por efeito colocá-las em

permanente estado de insegurança corporal” (p. 57), reafirmando a noção do corpo como um capital a ser alcançado. Esta construção cultural do corpo tem estreita relação com a moda, que enaltece os corpos jovens em detrimentos dos velhos, tornando-os invisíveis e inclassificáveis.

Em seguida, o capítulo seis, escrito por Lais Fontanelle Pereira, “Publicidade, moda e consumo na infância: uma delicada relação”, (p. 73-86), o objeto de reflexão centra-se na relação entre moda, infância e consumo no mundo contemporâneo. Discute-se a recorrente aproximação da infância com o mundo adulto, sobretudo no que concerne às indumentárias, retornando, novamente, a mesma caracterização medieval. A título de exemplo, a autora traz diversas imagens de anúncios publicitários que incentivam uma infância cada vez mais fashionista, inclusive atrelando a imagem infantil a uma erotização que não a compete. A discussão levantada, portanto, diz respeito a mercantilização da infância, transformando a criança em consumidor, ainda que esta não tenha a menor capacidade de discernimento. Por fim, a autora sugere que o mercado, sobretudo da moda, valorize a infância de modo não a enxergá-la como mera consumidora em potencial e procurar entender as especificidades e necessidades que lhe são peculiares, contribuindo, desta forma, para a construção de um conceito de infância cuja representação vá muito além da estética.

O capítulo seguinte, escrito por Silvana Holzmeister, “O padrão modelo”, (p. 87-94), reflete sobre o padrão de beleza veiculada, por meio das imagens, que circula nas mais renomadas revistas de moda do mundo. Para tanto, a autora resgata um pouco da história da moda e seus padrões, deste os anos 1960 até hoje. Neste sentido, a autora chama a atenção para dois grandes contra-pontos do mundo da moda. O primeiro, no ano de 1997, relacionado ao visual *heroin chic*, cuja característica principal está na deturpação do estilo e cenário, atribuindo-lhes desordem, palidez e sombriedade agregando às modelos uma aparência fragilizada e apática. Em meados

dos anos 2000, porém, o segundo momento contrapõe-se ao anterior, no sentido de resgate do corpo saudável, utilizando-se de cores alegres e sensualidade. Ademais, ambos momentos incitam os corpos a adequarem-se aos padrões veiculados, sejam eles mais ou menos bizarros.

Por fim, o oitavo capítulo da obra, de Tatiana Rovina Castro Pereira, intitulado “Corpo, moda e ética no funk proibidão”, (p. 95-104), traz para o debate um contexto que difere-se totalmente do que foi tratado até então, que nada tem a ver com o glamour das passarelas de moda. Estamos falando dos morros do Rio de Janeiro, mais precisamente dos bailes funk que acontecem no interior das favelas. Como sugere o título, a autora busca pensar a moda fora das vitrines dos grandes centros, mas nos corpos daqueles que vivem nas facções criminosas. A autora analisa, ainda, a indumentária característica dos frequentadores dos bailes funk, sobretudo no uso de marcas famosas (e suas falsificações) por moradores destes locais, que desejam aproximar-se, ainda que por alguns momentos, de um mundo que lhes parece ideal. Outro objeto de estudo do texto é o estilo musical denominado de “funk proibidão”, cujas letras agressivas fazem apologia ao crime, e expressam, de fato, a realidade nas favelas, sendo, portanto, uma manifestação cultural deste grupo social.

Ao final do livro, contamos com uma breve apresentação dos autores dos textos, em que podemos notar a existência de um vasto campo de estudos e debates sobre o corpo e a ética. Sem dúvida, a obra faculta aos leitores, uma leitura prazerosa e de grande valia tanto para o público leigo quanto para os pesquisadores que se interessam por assuntos relacionados ao corpo, à moda e aos gêneros.

No livro, os textos e os autores conversam entre si e, desse modo o debate ganha densidade e é enriquecido pelos olhares dos autores, por suas opções teóricas, metodológicas e epistemológicas e pelos estilos narrativos de cada um. Neste sentido, a obrigatoriedade de nos atermos sobre esta obra, muito bem organizada

pelas autoras Cristiane Mesquita e Kathia Castilho, centra-se na pluralidade de ideias, reflexões e questões levantadas, tendo em vista que este debate torna-se cada vez mais necessário diante da diversidade cultural a qual nos deparamos contemporaneamente.

Ademais e finalmente, consideramos que se trata de uma obra de grande valia para os estudiosos de moda e de educação, porque leva a pensar sobre o papel da mídia no consumo de moda pelas crianças e na formação das identidades de gênero, uma vez que as imagens produzidas e veiculadas pela mídia, nos permite refletir sobre as noções de gênero que são produzidas e “vendidas” para meninos e meninas junto aos artefatos indumentários. Neste ponto, lembramos o que escreveu Laís Fontenelle Pereira “[...] a criança não nasce sabendo quem é. Ela constrói sua identidade nas relações que estabelece com a cultura e sociedade” (p. 76).

Isto posto, a leitura do livro permite pensar sobre as potencialidades da obra para o estudos de gênero e moda, como por exemplo, o papel da mídia na produção das identidades de gênero na infância; as questões éticas decorrentes da exploração das imagens de crianças; as maneiras como as crianças e os velhos são incorporados aos discursos midiáticos e os preconceitos deles decorrentes, contra os “diferentes”, ou aqueles que fogem às normas e aos padrões estéticos estabelecidos socialmente, os quais têm nos meios de comunicação um dos mais importantes pilares. Refiro-me à propaganda e publicidade que estimulam os preconceitos contra os gays, lésbicas, gordos, velhas entre outros.

Conforme afirmam Mesquita e Castilho, o livro não pretende esclarecer as inquietações sobre o tema, ao contrário, busca ampliar as reflexões, em nível educacional e profissional, sobre a moda “enquanto vetor constituinte da subjetividade contemporânea” (p. 15). Dito isto, acreditamos que a obra alcançou o objetivo

proposto, ao passo que inúmeras novas inquietações surgirão por todos aqueles que debruçarem sobre esta leitura.